

## PEDAÇOS DA NOSSA HISTÓRIA

ESTE NÃO É UM LIVRO COMERCIAL, por esta razão eu não fiz a página catalográfica nem ISBN. Eu reuni o que eu tinha guardado na época e montei esse livro para ficar na bancada da minha Turma, apenas para a gente curtir e para os amigos que vinham nos visitar.



Então, à pedido de alguns amigos eu o estou refazendo, digitalizando as páginas que eram todas xerox, por este motivo a qualidade não é tão boa, são cópias de cópias, e se deve levar em consideração que as copiadoras dos anos 80 não eram tão boas quanto as atuais, no entanto a intenção é manter viva a história e ter essas relíquias guardadas, pois são **PEDAÇOS DA NOSSA HISTÓRIA** com os balões.

Nos anos 80 eu tinha uma pasta onde eu guardava algumas reportagens, recortes de jornais, fotos, convites para solturas de balões e outras curiosidades. Na época eu trabalhava numa copiadora na Avenida Liberdade, centro de São Paulo, e lá conheci muitos amigos que faziam parte de turmas diversas, muitos dos quais trabalhavam ali por perto, e volta e meia eles vinham tirar xerox comigo e traziam fotos, convites de solturas, etc...

Logo de início tem a cópia completa daquele cobiçado livro **“Balão, A Arte do Ar e do Fogo”**, que foi distribuído aos visitantes da exposição de balões ocorrida na Casa das Retortas em São Paulo nos mês de junho de 1981, e que se tornou raríssimo de se encontrar. Depois eu acrescentei outras raridades que eu havia juntado até então.

No começo dos anos 80 haviam bem poucas turmas de baloeiros em São Paulo, muitas informações que tínhamos vinham dos amigos do Rio de Janeiro onde já haviam muitas turmas, porém isso mudou muito rapidamente. Na década de 80 houve uma explosão de turmas em São Paulo seguida por Curitiba. Então eu juntei tudo que eu havia guardado e levei para um amigo que trabalhava numa gráfica fazer uma capa dura para eu melhor poder guardar. **E foi assim que em 1986 nasceu o meu primeiro livro sobre balões, que mostro à seguir a partir da capa preta que foi feita em couro na época!**

**BALÃO**

**A ARTE DO AR E DO FOGO**

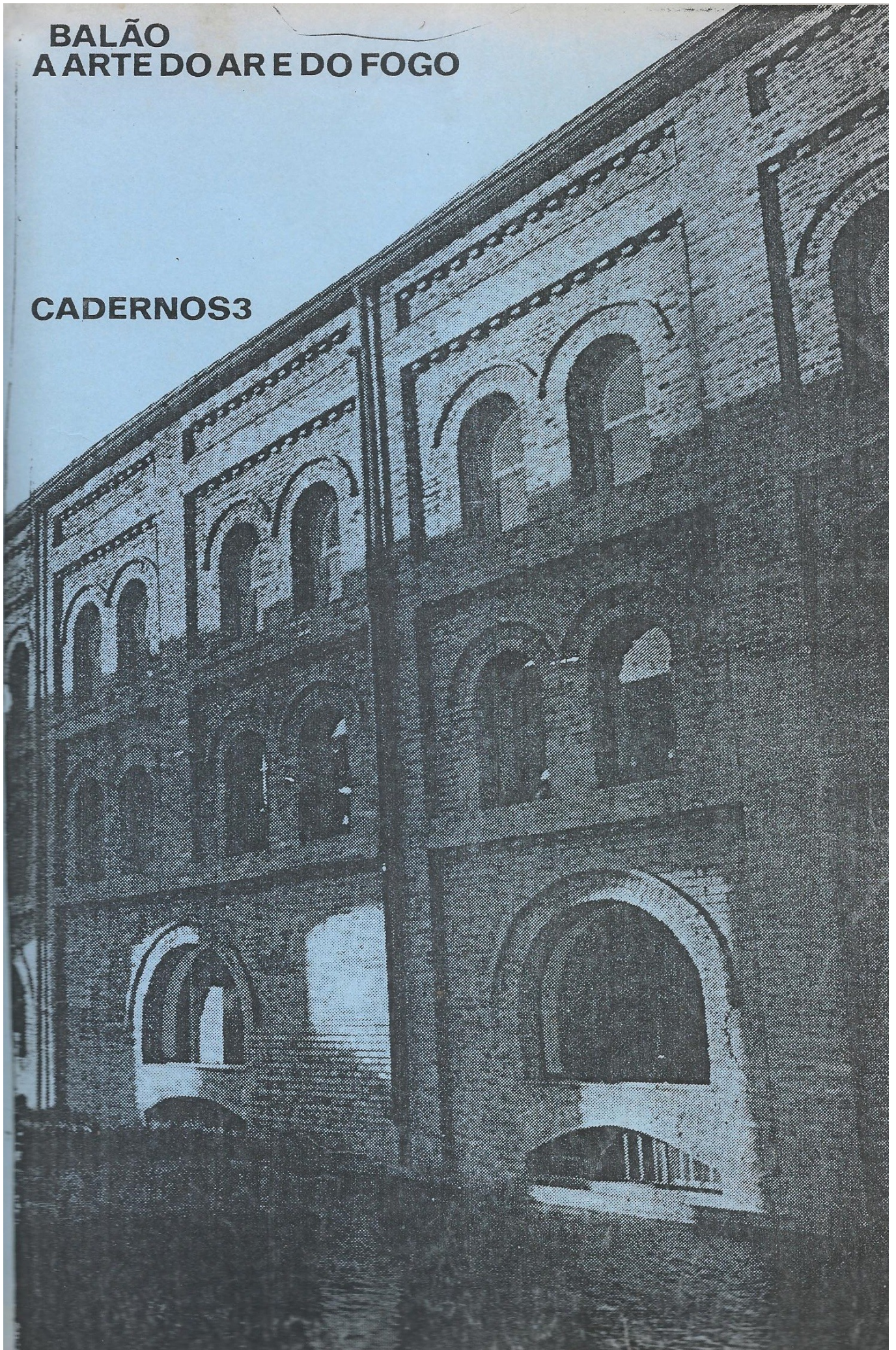
**TURMA DO HALLEY.S**

**1986**

**ALMIR**

**BALÃO  
A ARTE DO AR E DO FOGO**

**CADERNOS3**



# BALÃO A ARTE DO AR E DO FOGO



## **CASA DAS RETORTAS REDIMENSIONAMENTO DA DOCUMENTAÇÃO E DA INFORMAÇÃO ARTÍSTICAS**

*Em 25 de janeiro de 1980, o Prefeito Reynaldo Emygdio de Barros inaugurou a Casa das Retortas como novo espaço cultural da Cidade de São Paulo. Nesse espaço, inaugurou-se também a nova sede do Departamento de Informação e Documentação Artísticas/IDART.*

*Com esse duplo acontecimento, a Secretaria Municipal de Cultura pôs em prática, mais uma vez, uma das diretrizes básicas de sua atual administração: estabelecer bases estáveis para atividades culturais permanentes.*

*A transferência do IDART para a Casa das Retortas não representou apenas uma mudança de endereço. O deslocamento físico de suas instalações permitiu a reformulação completa de sua função e finalidade. O IDART, antes, estava aquém de seus próprios objetivos. Acanhado em seus 625 m<sup>2</sup> de área de ocupação, não dispunha de condições para o desenvolvimento do seu trabalho e privava o público do seu direito de consulta aos arquivos do Departamento.*

*Os 3.000 m<sup>2</sup> de área da Casa das Retortas permitiram mudar esse panorama. A documentação e a pesquisa se revitalizaram. O acesso popular a um dos mais ricos e dinâmicos acervos culturais do País se tornou realidade do dia-a-dia. Hoje, o IDART, descentralizado e situado na confluência dos bairros do Brás e da Moóca, pode preservar as suas conquistas e expandir os seus projetos. Tendo sua estrutura redimensionada e, repensados os seus métodos e critérios operacionais, ele próprio gera as técnicas de preservação da memória de seus produtos bem como os meios e os instrumentos de sua ampla divulgação.*

*Na Casa das Retortas, o que é fonte primária ou o que era material inerte de arquivo se extroverte, periódica e sistematicamente, em mostras constantes de fotos, filmes, áudio-visuais, vídeo-cassetes, etc., num registro vivo e aberto do seu valor cultural.*

*A mudança física do IDART não se dissocia de sua mudança conceitual. Nem é por outro motivo que, em sua reformulação, as pesquisas que realiza são editadas em livros de consulta, as documentações que levanta se convertem em exposições de visitação pública e estas, por sua vez, em cadernos especiais. Daí porque a coleção Cadernos, que inauguramos, transforma, juntamente com os livros, revistas e anuários do IDART, exposições periódicas em memória artística permanente.*

**Mário Chame**  
**Secretaria Municipal de Cultura**

S241b

São Paulo (município) Departamento de Informação e Documentação Artísticas. Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea.

Balão: a arte do ar e do fogo. Coordenação de Tulio Feliciano/São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, 1981. (Cadernos, 3)

1. Balão a ar quente — arte e construção I. Feliciano, Tulio, coord. II. Título

CDD 745.54

CDU 745.54

Prefeitura do Município de São Paulo/Reynaldo Emygdio de Barros  
Secretaria Municipal de Cultura/Mário Chamie  
Departamento de Informação e Documentação Artísticas/Luiz Nagib Amary  
Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea/  
Ana Maria Moraes Belluzzo  
Pesquisa de campo/Annie Vidal  
Seleção do material fotográfico/João Grijó  
Seleção de dados e texto final de pesquisa/Tulio Feliciano  
Fotografias/coleções particulares dos baloeiros  
Documentação fotográfica da execução e da soltura de um balão/  
Peddro Carvalho  
Pesquisa realizada no Rio de Janeiro, durante o ano de 1980  
Revisão de Texto/Krystyna Okrent Brawerman  
Desenhos/Fernando de O. Fontes e Fernando Lemos  
Programação Visual/Fernando Lemos  
Coordenação Gráfica/Arlenice Juliani de Oliveira  
Composer/Harumi Hiroshima e Marco Antonio Mancini  
Revisão Gráfica/Luzia Bonifácio e Maria Cristina Frota  
Fotolitos, montagem e gravação de chapas/Intercolor Fotolito Ltda.  
Impressão e acabamento/Laboratório gráfico do IDART  
Papel/offset 150 e 240 gramas  
Tiragem 1.000 exemplares  
1981

A Secretaria Municipal de Cultura, através do IDART/Departamento de Informação e Documentação Artísticas, pelo seu Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira Contemporânea, está editando esta publicação sobre o Balão, junto com a exposição "Balão: a Arte do Ar e do Fogo", por considerar ser esta uma manifestação autêntica da arte popular brasileira, representativa de grupos espontâneos que se congregam num trabalho coletivo, numa realização na qual se faz necessário um conhecimento técnico específico e elaborado, para a produção de um objeto artístico muito rico em formas e cores, num resultado que valoriza o fantástico e o lúdico.

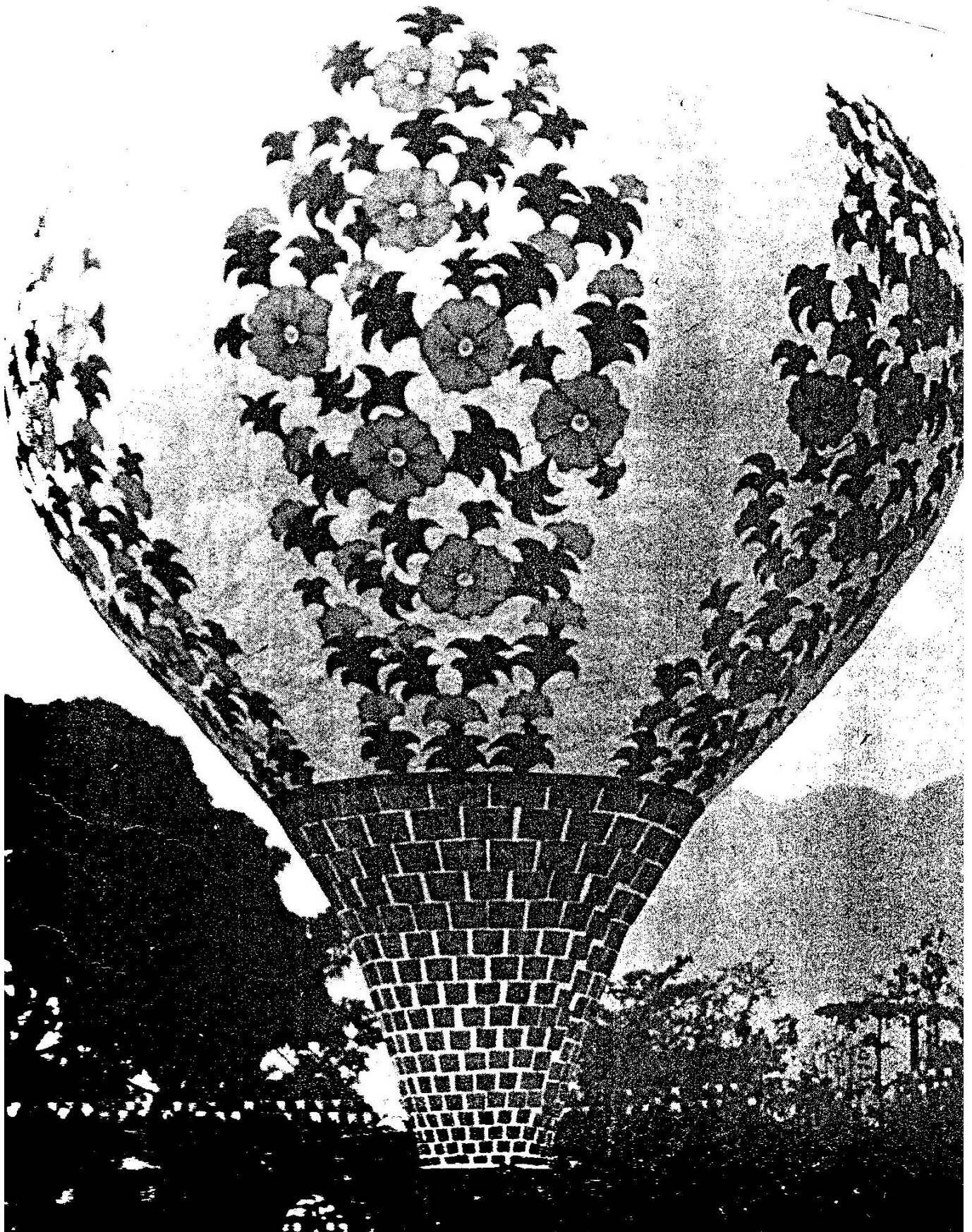
(ilust. 1) Balão Pião de forma com carrap.  
Turma do Cachambi

Para a montagem dessa exposição sobre o tema Balão, foi de fundamental importância a pesquisa realizada por Annie Vidal, João Grijó e Tulio Feliciano, três pesquisadores que, além de fornecerem dados informativos com bastante objetividade e detalhamento, souberam dar a devida dimensão ao fenômeno Balão, dentro do campo da arte popular do nosso país. Historiando as várias fases por que tem passado o Balão, desde sua introdução no Brasil pelos portugueses até os tempos atuais, a pesquisa mostra como, empregado inicialmente nas zonas rurais em festejos religiosos do mês de junho, e depois atravessando uma fase em que foi mais usado em festas familiares, vem adquirindo desde a década de 70, centralizando-se no Rio de Janeiro, um caráter diferente, produzido por grupos de indivíduos, os "baloeiros", que habitam zonas urbanas.

Esses grupos compõem um verdadeiro universo à parte, numa organização de trabalho coletivo onde as diversas funções são distribuídas entre seus inúmeros membros; a culminância desse esforço prolongado dá-se pela soltura do balão, quando uma grande festa comemora o evento num verdadeiro ritual de momentos de intensa emoção. Nesse sentido assemelha-se ao Carnaval, em que também poucos minutos de prazer traduzem um trabalho anterior demorado e complexo.

É preocupação do IDART incentivar o aparecimento de outras pesquisas desse teor, a fim de que as diferentes manifestações de arte popular possam ser conhecidas por camadas mais amplas, numa valorização que se torna necessária já que elas refletem, por seu caráter autêntico e expressivo, o potencial criativo de diferentes regiões brasileiras.

Luiz Nagib Amary  
Ana Maria Belluzzo



# **BALÃO**

## **A ARTE DO AER E DO FOGO**

## **sumário**

**BALÃO**  
a tecnologia do grandioso  
e do efêmero 8

**BALÃO E BALOEIROS**  
um universo particular 10

**BALÃO**  
modelos e execução 22

balão japonês 24

balão caixa e balão cruz 25

balão travesseiro e  
balão santos dumont 27

balão estrela e  
balão aranha 28

balão batata, balão charuto,  
balão tangerina e  
balão zeppelin 30

balão pião 34

balão barrica 36

balão de feitio 37

balões conjugados 38

cintamento 39

documentação fotográfica  
da execução de um balão 39

**BALÃO**  
a sua decoração

**decoração da  
superfície do balão  
balão de recorte** 43

**balão de “taquinho” e  
balão espiralado** 46

**balão bordado,  
aplicado ou chapado** 48

**balão vazado e  
balão picotado** 50

**balão vitraux** 52

**balão pintado** 54

**lanternagem** 55

**BALÃO  
o fogo/a boca e a bucha** 58

**BALÃO  
o que ele carrega** 60

**a armação de enfeite** 60

**a cangalha de fogos** 64

**BALÃO  
soltura** 68

**documentação fotográfica  
da soltura de um balão** 68

**O meu balão  
Pelo azul vai subindo,  
Virando estrela na imensidão  
Com o meu sonho mais lindo.**

*Canção Popular*

**BALÃO**  
**a tecnologia do grandioso**  
**e do efêmero**

O balão tem aparecido como uma das expressões plásticas mais importantes do povo carioca. Junto com as escolas de samba tem sido, estética e ideologicamente, o que mais representa o universo do Rio de Janeiro: o universo do grandioso e do efêmero. (ilust. 2)

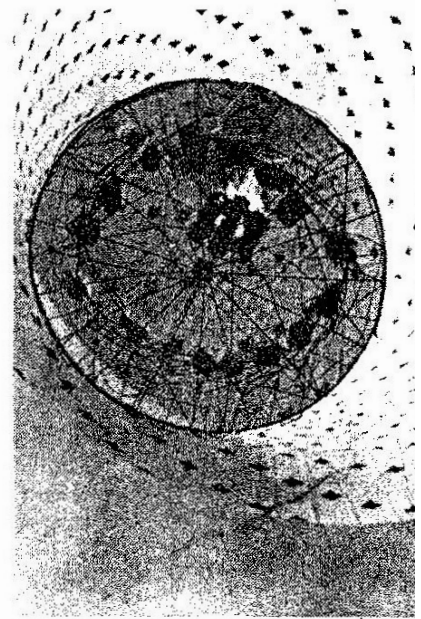
Apesar da arte do balão ser conhecida em todo o território nacional, foi no Rio de Janeiro que ela mais se desenvolveu, até chegar ao ponto em que está hoje, tanto a nível técnico quanto estético, atingindo um porte que seria inacreditável vinte anos atrás e estando num ritmo de evolução que torna impossível prever o que será da mesma daqui a vinte anos. É importante frisar que no resto do país o balão continua a ser o balão simples das festas juninas, bastante elementar se comparado ao balão de alta tecnologia realizado pelos cariocas.

Dentro de uma sociedade mestiça, onde valores contrastantes são integrados dentro do mesmo sistema, onde a diferença de "gosto" entre as classes sociais não chega a ser muito bem definida e onde a mística religiosa tem elementos de forte primitivismo negro mesclados aos conceitos de pecado e penitência da sociedade católica, não é difícil compreender que surja uma estética na qual o importante é encher os olhos de formas, cores e luzes e na qual a valorização do grandioso, do fantástico, chega a ser a própria definição do belo. Evidentemente o grandioso está ligado ao efêmero, visto que o ato de espera por um momento nirvânico torna-se mais palpitante, pois é sabido que toda a preparação da emoção culmina num minuto de prazer. Isto vale para a arte dos balões e também para as manifestações carnavalescas. Pode-se dizer que o subúrbio carioca desenvolve esta prática penitente na sua relação com o lúdico. O carnaval é esperado o ano inteiro com esforço e sacrifício, rivalidades e competições, com enorme dispêndio de tempo, dinheiro e emoção de cada um que deseja ver a sua escola de samba maior e mais suntuosa, sendo a realização do sonho concretizada em alguns minutos na avenida. Da mesma forma o balão. O trabalho minucioso e delicado do baloeiro na confecção de um balão, pode durar um ano, desde a perfeição formal e técnica que eles buscam, até o mundo dos bordados, dos pequenos recortes, das sutilezas plásticas para tornar o balão mais bonito e personalizado. Tudo por um momento apenas, pela emoção de ver o seu engenho subir aos céus.

Fica aí evidente que o universo do baloeiro, como o do sambista, é bastante particular. Eles têm uma terminologia própria, uma visão típica do mundo. Mundo este difícil de ser penetrado por quem não comunga dos mesmos ideais e dos mesmos princípios éticos e estéticos. É muito difícil alguém conseguir qualquer informação de um baloeiro antes de comprovar que já faz parte desse universo. E mesmo assim, sempre fica algo a ser dito, algo a ser entendido, que só o tempo e o domínio total da linguagem do baloeiro virão esclarecer, completando o conhecimento.

Atualmente, com a proliferação dos balões e das turmas de baloeiros, este mundo ficou mais exposto e aberto aos olhos dos leigos. Para tanto, a contribuição dos balógrafos foi de fundamental importância. Os balógrafos são fotógrafos de balões, não obrigatoriamente baloeiros. A partir dos contatos entre eles, houve uma integração maior entre as turmas, que passaram a querer saber o que se passava em outros bairros e trocar fotos para a confecção de álbuns, até mesmo como aprendizado e aperfeiçoamento na arte dos balões. Hoje já existem lojas especializadas em fotos de balões, onde os baloeiros se encontram para trocar idéias e onde se estabelece com mais facilidade o contato entre baloeiros e público em geral.

Neste trabalho tentamos mostrar o que conseguimos captar no mundo mítico dos baloeiros. É importante frisar que esta arte está em constante mutação e aperfeiçoamento, tornando-se a cada dia mais importante no cenário plástico brasileiro.



(ilust. 2) Boca do Balão Pião de forma de I do Cachambi. Solto em junho de 1980

## **BALÃO E BALOEIROS** **um universo particular**

Como os balões chegaram ao Brasil é coisa controvertida. Também a questão da origem não chega a preocupar os baloeiros. Há vagas informações de que os portugueses herdaram esta arte dos árabes ou dos orientais no tempo dos grandes descobrimentos, trazendo-a para o Brasil para comemorar as festas de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Manuel, todas elas celebradas no mês de junho. Há uma lógica neste ponto. De um lado, sendo os portugueses profundamente católicos, a soltura do balão teria certamente uma conotação mística. Era dedicado aos santos, num sentido literal de elevação astral, pois o balão sobe aos céus e o céu é o referencial cósmico superior do pensamento católico. Há também uma coincidência de ordem técnica, pois foi o balão originalmente solto no Brasil no mês de junho, mês de ventos propícios para a sua subida e sustentação no espaço.

Tudo o mais que se sabe é contado pelos baloeiros que conhecem a história próxima contada pelos mais velhos, somada às lembranças de infância das festas suburbanas. E a memória conta que durante muito tempo as festas juninas continuavam a ser a razão e tema da soltura do balão. O balão foi se tornando profano, mas continuou guardando a característica de fogo, junto com a fogueira, nas noites frias de junho. Nessas festas juntavam-se pais e filhos e alguns amigos próximos, para o fabrico dos balões, ainda pequenos, os chamados Maria Preta. O fundamental era o lúdico, a animação das festas. O núcleo familiar caracterizava o grupo social ligado ao balão, cuja confecção era realizada a partir de técnicas muito simples.

Os tempos mudam, a cidade cresce. O subúrbio carioca se transforma física e socialmente. Os terrenos baldios dos brinquedos infantis e das festas populares foram ocupados pelas grandes indústrias. Aparece em cena o grande medo urbano que é hoje um forte traço do sentimento popular na cidade grande. Esta paranóia coletiva teve um efeito importante sobre os balões. Alegando o perigo destes balões caírem em locais de potencial inflamável, foi criado o Artigo nº 28 da Lei das Contravenções Penais, pelo Decreto 23.793 de 1934, do Código Florestal Brasileiro, pela resolução nº 0246 da Secretaria de Segurança Pública, que proíbe e multa em 10 unidades fiscais do Estado o fabrico, depósito e comércio de balão de fogo e o ato de soltá-lo.

Num primeiro período, esta lei amedrontou os baloeiros e durante algum tempo os balões rarearam; alguns poucos subiam amedrontados numa noite de junho. Mas um novo tempo estava se preparando para a arte dos balões. Houve uma transformação radical na composição social dos fabricantes de balão e, conseqüentemente, uma mudança no próprio balão em sua forma tradicional, dando início aos balões dos dias de hoje. Os baloeiros passam a inovar a cada balão que fazem e essas inovações requerem uma tecnologia dinâmica com soluções imediatas, aumentando inclusive o nível de segurança do balão, que se torna a cada dia um objeto mais precioso para o baloeiro, pelo tempo de trabalho gasto, pela dedicação à sua arte e pelo alto investimento financeiro. As buchas que fazem o balão subir também foram inovadas, e o material combustível que é hoje sebo ou parafina substituiu o querosene que apresenta menor segurança e maior dificuldade de controle. Evidentemente houve abalos temáticos e ideológicos na concepção tradicional do balão. A técnica evoluiu, aumentou o porte dos balões, novos formatos surgiram, apareceu a grande armação, o balão começou a ganhar a característica do grandioso com cores e decoração de lanternas, desenhos e bordados, carregando enormes cangalhas de fogos e quadros decorativos, numa visível afinidade estética com as alegorias das escolas de samba que são o auge da expressão plástica do povo carioca. O balão deixou de ser de São João e alargou o seu período de soltura, que passou a ser de março a agosto, tempo em que o vento ajuda, quando então o céu do subúrbio fica repleto de balões de todas as formas, tipos e tamanhos. Mas mesmo fora deste período, em qualquer noite do ano é possível se avistarem muitos balões no céu do Rio.

Com a proibição dos balões, o trabalho do baloeiro, que era presidido por relações familiares, foi socialmente alargado para o grupo de amigos, moradores de uma mesma área e daí nasceu a turma de baloeiros. Há quem diga que uma das razões mais explícitas para que os baloeiros se agrupassem em turmas foi a necessidade da cumplicidade, como uma força diante da repressão. A partir daí a atividade dos baloeiros foi ganhando

características próprias, como a divisão do trabalho entre eles e a sustentação financeira para a fabricação dos balões, os quais se tornam cada dia mais caros. Pode-se participar de uma turma de baloeiros de várias maneiras: com trabalho e contribuição financeira, apenas contribuição financeira ou através de doações esporádicas, estas últimas referentes, por exemplo, às velas, ou ao papel, ou ao arame. Há baloeiros que só consideram um elemento como integrante da turma, quando este participa com trabalho. Outra forma qualquer de participação é considerada "simpatizante". O líder da turma é uma espécie de mestre que comanda, ensina, e na maior parte das vezes é responsável pela criação artística do balão. Apesar de existir uma certa rivalidade entre as turmas, freqüentemente um baloeiro de uma turma é convidado para trabalhar em outra; por vezes, uma turma executa um balão a partir da criação de alguém de fora, ou ainda, copia balões de outras turmas. Segundo um baloeiro, a primeira turma surgiu no início dos anos 60, no bairro do Méier. Em 1970 já havia mais de 25 turmas conhecidas. A proliferação destas turmas foi de tal ordem, que acredita-se haver hoje mais de 500 turmas, entre Rio e Niterói, sendo esta última cidade de enorme importância no desenvolvimento dos balões por contar com mestres baloeiros como Elli e Ecidemar.

Estas turmas geralmente têm um nome, como Turma da Amizade ou Turma do Colosso, mas há algumas que preferem não ter nome para que a adesão seja mais espontânea. As turmas mais conhecidas e respeitadas, além das já citadas, são as turmas do Cachambi, do Méier, de Del Castilho, de Ramos, de Jacarepaguá, da Bruxinha, da Rede, de Bangu, da Penha e inúmeras outras. Em muitas destas turmas, principalmente as mais jovens, os elementos usam uma touca de lã, que originalmente servia para proteger a cabeça do frio, mas que se tornou um símbolo de coragem e partidatismo. Além de fazer balões bonitos, um dos pontos que torna respeitável uma turma de baloeiros é o grau de segurança que o balão oferece. Aqueles que fazem balões primários, tipo Maria Preta, com riscos de queda imprevista, são chamados de "balãozeiros".

A soltura dos balões é um dos acontecimentos mais importantes no subúrbio carioca. Ocorre à noite ou durante o dia pois existe o que os baloeiros chamam de "balão para de noite" e "balão para o dia". Estas festas, marcadas por um alto potencial de emoção, podem se prolongar por horas a fio, até chegar o momento ideal de subir o balão, de acordo com os ventos e as chuvas. É comum a soltura de um balão ser adiada diversas vezes em função do tempo. O importante para o baloeiro, finalmente, é ver o balão subir. O ritual tem início, e gesto por gesto preparam-se as condições ideais para a subida do balão. Muitos gostam de fazer música para a soltura dos seus balões, ou distribuem odes impressas em prospectos, durante o evento, e às vezes, quadrinhas que são escritas no próprio bojo do balão. Quando o balão sobe, é o momento culminante da emoção coletiva, havendo muita euforia, choro e até desmaio. Começa então o processo de captura do balão. A turma, de carro, acompanha o balão até a sua descida, munida de extintores e pronta para apagar qualquer fogo que venha a acontecer, assim como pagar qualquer estrago que o balão ocasione em sua captura, fazendo com que ele desça sem perigo para a comunidade e tentando recuperar o balão para ser solto em outra oportunidade. A emoção de trazer de volta o balão é a mesma que a de soltá-lo. O balão é muito caro e representa o trabalho, o amor, a criatividade e a arte dos baloeiros, e por isso é muito importante tê-lo de volta. Além disso, dá respeitabilidade ao baloeiro, pois o balão que pode ser solto mais de uma vez é certamente bem estruturado e de execução primorosa. Há balões que sobem várias vezes. O balão Adão e Eva, solto em 1979 pela turma do Colosso, foi capturado e solto cinco vezes, conservando inclusive a armação de enfeite. Algumas vezes o balão é capturado por outra turma, diferente da que o soltou originalmente. Normalmente ele é devolvido à turma original ou a sua próxima soltura é feita pelas duas turmas. Algumas turmas que capturam o balão de uma outra turma, guardam segredo do fato para que o modelo possa ser copiado, em se tratando de balões de alto nível de engenhosidade.

características próprias, como a divisão do trabalho entre eles e a sustentação financeira para a fabricação dos balões, os quais se tornam cada dia mais caros. Pode-se participar de uma turma de baloeiros de várias maneiras: com trabalho e contribuição financeira, apenas contribuição financeira ou através de doações esporádicas, estas últimas referentes, por exemplo, às velas, ou ao papel, ou ao arame. Há baloeiros que só consideram um elemento como integrante da turma, quando este participa com trabalho. Outra forma qualquer de participação é considerada "simpatizante". O líder da turma é uma espécie de mestre que comanda, ensina, e na maior parte das vezes é responsável pela criação artística do balão. Apesar de existir uma certa rivalidade entre as turmas, freqüentemente um baloeiro de uma turma é convidado para trabalhar em outra; por vezes, uma turma executa um balão a partir da criação de alguém de fora, ou ainda, copia balões de outras turmas. Segundo um baloeiro, a primeira turma surgiu no início dos anos 60, no bairro do Méier. Em 1970 já havia mais de 25 turmas conhecidas. A proliferação destas turmas foi de tal ordem, que acredita-se haver hoje mais de 500 turmas, entre Rio e Niterói, sendo esta última cidade de enorme importância no desenvolvimento dos balões por contar com mestres baloeiros como Elli e Ecidemar.

Estas turmas geralmente têm um nome, como Turma da Amizade ou Turma do Colosso, mas há algumas que preferem não ter nome para que a adesão seja mais espontânea. As turmas mais conhecidas e respeitadas, além das já citadas, são as turmas do Cachambi, do Méier, de Del Castilho, de Ramos, de Jacarepaguá, da Bruxinha, da Rede, de Bangu, da Penha e inúmeras outras. Em muitas destas turmas, principalmente as mais jovens, os elementos usam uma touca de lã, que originalmente servia para proteger a cabeça do frio, mas que se tornou um símbolo de coragem e partidário. Além de fazer balões bonitos, um dos pontos que torna respeitável uma turma de baloeiros é o grau de segurança que o balão oferece. Aqueles que fazem balões primários, tipo Maria Preta, com riscos de queda imprevista, são chamados de "balãozeiros".

A soltura dos balões é um dos acontecimentos mais importantes no subúrbio carioca. Ocorre à noite ou durante o dia pois existe o que os baloeiros chamam de "balão para de noite" e "balão para o dia". Estas festas, marcadas por um alto potencial de emoção, podem se prolongar por horas a fio, até chegar o momento ideal de subir o balão, de acordo com os ventos e as chuvas. É comum a soltura de um balão ser adiada diversas vezes em função do tempo. O importante para o baloeiro, finalmente, é ver o balão subir. O ritual tem início, e gesto por gesto preparam-se as condições ideais para a subida do balão. Muitos gostam de fazer música para a soltura dos seus balões, ou distribuem odes impressas em prospectos, durante o evento, e às vezes, quadrinhas que são escritas no próprio bojo do balão. Quando o balão sobe, é o momento culminante da emoção coletiva, havendo muita euforia, choro e até desmaio. Começa então o processo de captura do balão. A turma, de carro, acompanha o balão até a sua descida, munida de extintores e pronta para apagar qualquer fogo que venha a acontecer, assim como pagar qualquer estrago que o balão ocasione em sua captura, fazendo com que ele desça sem perigo para a comunidade e tentando recuperar o balão para ser solto em outra oportunidade. A emoção de trazer de volta o balão é a mesma que a de soltá-lo. O balão é muito caro e representa o trabalho, o amor, a criatividade e a arte dos baloeiros, e por isso é muito importante tê-lo de volta. Além disso, dá respeitabilidade ao baloeiro, pois o balão que pode ser solto mais de uma vez é certamente bem estruturado e de execução primorosa. Há balões que sobem várias vezes. O balão Adão e Eva, solto em 1979 pela turma do Colosso, foi capturado e solto cinco vezes, conservando inclusive a armação de enfeite. Algumas vezes o balão é capturado por outra turma, diferente da que o soltou originalmente. Normalmente ele é devolvido à turma original ou a sua próxima soltura é feita pelas duas turmas. Algumas turmas que capturam o balão de uma outra turma, guardam segredo do fato para que o modelo possa ser copiado, em se tratando de balões de alto nível de engenhosidade.

A variedade dos balões hoje é imensa. Há o balão japonês, o caixa, o cruz, o travesseiro, o Santos Dumont, o batata, o tangerina, o charuto, o zeppelin, o estrela, o aranha, o pião e o balão de feitiço. Quanto à decoração, o balão pode ser bordado, pintado, de recorte, espiralado, encapado, decorado com lanternagem, etc. Hoje existem muitos materiais que estão sendo usados na decoração do balão: papel laminado, vidrinhos, conchas, purpurina, brocal, etc. Os baloeiros acham que é influência das escolas de samba. Mas apesar de tudo, o balão branco, sem decoração nenhuma, é ainda o preferido de muitos baloeiros, que alegam ser a decoração do bojo do balão uma perda de tempo e de dinheiro, pois o bojo do balão é invisível quando este está no alto. Todo balão, qualquer que seja o seu modelo, precisa levar um peso para servir de estabilizador. Este requisito se aprimorou a tal ponto, que as armações de enfeite e as cangalhas de fogos atuais são de altíssimo porte. Tradicionalmente, os baloeiros fazem uso de qualquer tipo de objeto como estabilizador de peso do balão. Até gato já serviu de peso. Conta-se que numa certa época, muitos gatos desapareciam em tempo de balão. Há uma história muito contada no meio dos baloeiros sobre um enorme balão zeppelin de 55 metros, feito pela turma do David. O baloeiro comprou um paraquedas e disse que subiria com o balão e desceria de paraquedas. A turma discordou e escondeu o paraquedas na hora do lançamento do balão. O baloeiro não subiu mas o balão ficou sem peso para subir. O primeiro objeto à vista foi uma bananeira com cacho e tudo, que foi presa ao balão e depois vista voando no céu.

É claro que, tendo o balão saído do período das festas juninas, houve uma grande mudança temática, passando o tema a variar de acordo com as motivações das turmas de baloeiros. O balão pode ser em homenagem a uma data cívica, ao aniversário de alguém da turma, ao time de futebol que ganhou o campeonato, à namorada do baloeiro ou qualquer tema que a inspiração dite. Temas religiosos são muito importantes, indo de figuras bíblicas como Adão e Eva, até os santos católicos e principalmente os orixás de candomblé e umbanda. Como se vê, há uma grande analogia temática com os enredos das escolas de samba, que são quase sempre extraídos do universo mítico do povo carioca. Em balão tudo é permitido: há uma variedade imensa de temas como histórias infantis, mensagens de paz, conceitos ecológicos, jogo do bicho, escola de samba, ordem do Cruzeiro do Sul, heróis nacionais, pagode chinês, tapete persa, arlequim, holandesa, biga romana, atlas, Netuno, Vênus e ultimamente os temas de fundo sexual, talvez provenientes da proliferação das pornochanchadas e revistas pornográficas.

Há uma grande polêmica de ordem ideológica entre os baloeiros. Se por um lado eles reivindicam o fim da proibição para que possam desenvolver tranquilamente a arte dos balões, por outro eles temem que, em sendo liberada a soltura dos balões, esta arte seja comercializada em função do turismo e da política oficial. Os baloeiros têm profunda consciência do poder simbólico do balão e do seu alcance. É comum estamparem-se camisetas em silk-screen com as figuras dos balões mais famosos, como o caso de um balão verde-amarelo no formato do balão dos irmãos Montgolfiere, solto pela turma do Cachambi, e que passou a ser símbolo da Rádio Ipanema. Muitos políticos em período de eleição têm pedido aos baloeiros para divulgarem seus nomes através de um balão, mas nunca tiveram os seus pedidos atendidos. Os baloeiros assumem várias posições diante da proibição oficial, que vão desde a opinião de um baloeiro que acha que o governo deve criar um campo especial para a soltura de balões, atraindo turistas e dando um apoio financeiro oficial aos baloeiros, até o pensamento de um baloeiro mais tradicional, que diz que pára de fazer balão se a proibição terminar. A posição mais comum é de dúvida: eles não têm um diagnóstico preciso dos efeitos do fim da proibição. Todos, no entanto, concordam que deve-se fazer algo para que esta arte não morra.

Foi criado um prêmio, troféu Moacir Quaresma, que é oferecido anualmente ao balão cuja foto tenha sido mais procurada na loja do Melo, no Méier, loja esta especializada em fotografias de balões, feitas pelos "balógrafos" (fotógrafos de balões). O doador do troféu é Melão da Mangueira. Alguns baloeiros são contra o troféu pois acham que isso incentiva a vaidade e a competição entre eles. Para um balão receber o troféu é preciso que ele tenha um "enredo". A decoração do bojo tem que ser coerente com a armação. As inovações são também muito importantes. (ilust. 3)

O primeiro a receber o troféu, em 1977, foi o PAGODE CHINÊS da Turma do Méier, turma que comemorava esse ano, 20 anos. Esse balão trouxe como novidade uma decoração de bojo coerente com a armação mas sem reprodução do mesmo, como era costume. (ilust. 4)

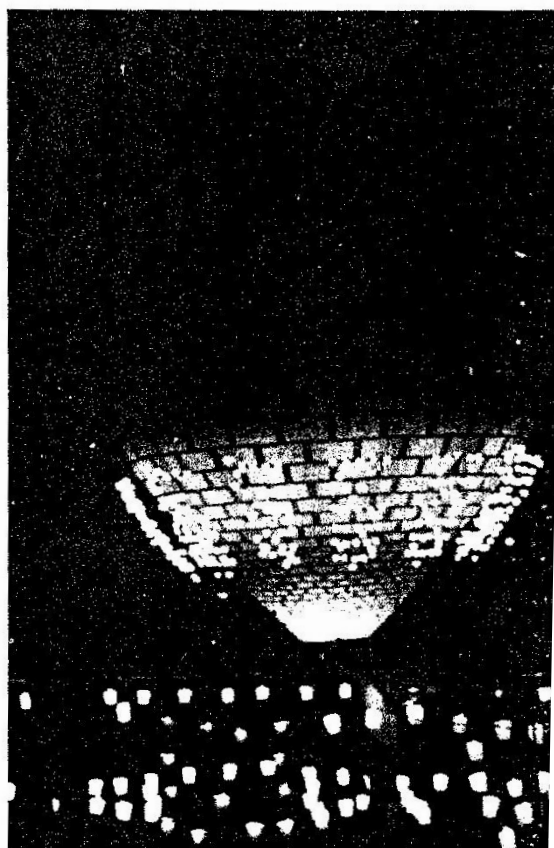
Em 1978, foi o BALÃO CALENDÁRIO da Turma do Cachambi. A lanternagem em tijolinho e a armação reproduziam a folhinha do mês de junho, mês das Festas Juninas.

Em 1979, foi a vez de Ramos, com o BALÃO DA POMBA DA PAZ que trouxe como novidade a lanternagem em rede.

(ilust. 3)



(ilust. 4)



Em 1980, a Turma da Amizade ganhou o troféu com o BALÃO PAVÃO. Posteriormente, a Turma da Amizade fez o BALÃO TROFÉU homenageando as três turmas vencedoras, com a lanternagem reproduzindo em faixas as lanternagens desses balões. (ilust. 5)

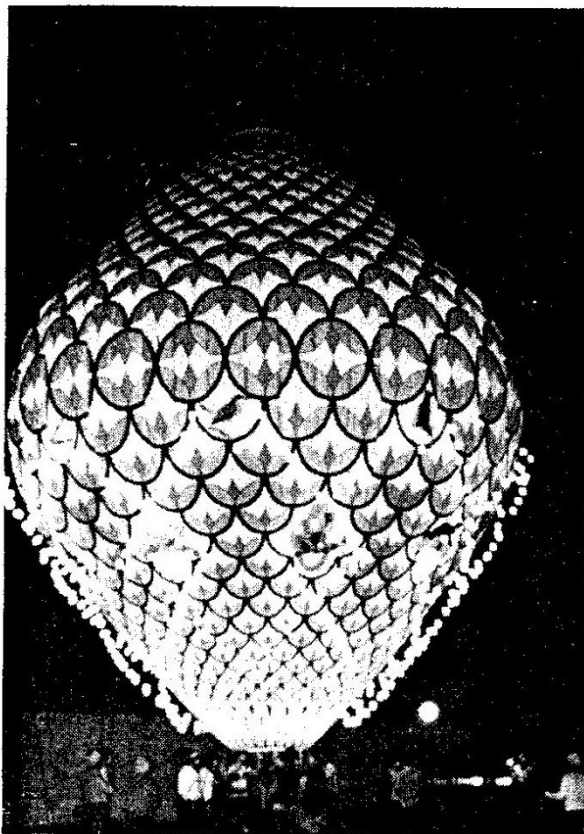
Entre os balões mais importantes e conhecidos está o Balão Pérola Negra, solto em 1979 pela Turma da Amizade. Em Niterói, Elli, o mestre do balão bordado, fez o balão do 49 Centenário do Rio, vários de times de futebol, o balão das misses, do horóscopo, de Santos Dumont, de Walt Disney, entre outros. Ivo, baloeiro famoso e discípulo de Elli, fez o Balão dos Santos e mais tarde fez, no Rio, um balão com decoração inspirada na pintura de Vasarely. Fez também com a Turma do Cachambi em 1977, o balão verde e amarelo (tipo balão aeronáutico) e em 1980 a réplica do balão dos irmãos Montgolfiere, que tinha a boca do balão em forma de cesta com estátuas de baloeiros. Ainda a Turma do Cachambi, liderada por Ivo, soltou em junho de 1980, um balão pião de forma, que carregava uma bandeira nacional de 35 metros, em papel fino, tendo sido utilizadas apenas na confecção da bandeira, seis resmas de papel. A Turma de Niterói soltou, em 1970, um balão Zeppelin com 57 metros de comprimento e 60 bocas paralelas. Outros balões famosos são o Carroussel, da Turma de Jacarepaguá e, da Turma do Colosso, o Balão Adão e Eva, solto em 1979 e o Balão dos Deuses Mitológicos, solto em 1980. (ilust. 6)

(ilust. 3) 2º Troféu Moacir Quaresma, de ouro com as lanterninhas de brilhant oferecido em 1978 ao balão Calendário, Turma do Cachambi.

(ilust. 4) Balão Calendário Turma do Cachambi 1978

Os baloeiros fazem circular entre eles um jornal informativo e humorístico, chamado "A Folha do Baloeiro". O organizador do jornal é Zequinha, um baloeiro do Rio. Aqui mostraremos alguns exemplos destes meios de comunicação entre baloeiros. (ilust. 7 a 14)

(ilust. 5)



(ilust. 6)



(ilust. 5) Balão Pavão  
Turma de Amizade 1980

(ilust. 6) Balão em homenagem ao Vasco  
Campeão do 1974  
Escola de Amizade

